

ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UFPB: NUANCES ENTRE O ROSA E O AZUL

José Afonso Cordeiro de Almeida¹

Pedro Henrique Silva Guedes¹

Isabelle da Costa Wanderley Alencar²

RESUMO

Indicadores apontam que a presença de mulheres é preponderante nos diversos níveis educacionais no Brasil, sendo crescente o seu ingresso no ensino superior público e privado. A majoritária presença feminina nos cursos de graduação à nível nacional é de grande importância e pode revelar a permanência de distinções no ambiente acadêmico que evocam a tradicional divisão sexual do trabalho. O curso de Licenciatura em Ciências Agrárias do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (CCHSA-UFPB) é considerado masculino, portanto, esse trabalho teve como objetivo identificar quaisquer formas de sexismo que interfiram na formação acadêmica e profissional dos seus discentes. Para divulgação do projeto junto à comunidade acadêmica, foi realizada uma aula inaugural. Foram aplicados 52 questionários junto aos estudantes no período de agosto e setembro de 2019. Para finalização do projeto, foi realizado um fórum para apresentação dos resultados. De um modo geral, essa investigação possibilitou uma maior compreensão da realidade atual no que diz respeito à percepção de gênero dentro do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias. Esse trabalho propiciou, pela primeira vez, a discussão dessa temática dentro desse curso e, através da aula inaugural e do fórum, pode expandir a temática para todo o CCHSA-UFPB.

Palavras-chave: Ensino superior, Ciências Agrárias, gênero.

INTRODUÇÃO

Indicadores apontam que a presença de mulheres é preponderante nos diversos níveis educacionais no Brasil, sendo crescente o ingresso delas no ensino superior público e privado. Dados do Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, mostram que, no período de 2000 a 2019, o número de mulheres que ingressaram no ensino superior é maior que o de homens. Essa mesma

Trabalho resultante de Projeto de Ensino (Prolicen), financiado pela UFPB.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, joseafonsocordeiro03@gmail.com

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, guedespedrohenrique7@gmail.com

² Doutora em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Professora da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, icwa@academico.ufpb.br

tendência é verificada quanto aos egressos, ou seja, se formam mais mulheres do que homens (INEP, 2021). Fazendo uma análise dentro do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (CCHSA-UFPB), vemos que nesse mesmo período de tempo (2000 a 2019) os ingressos são, majoritariamente, do sexo masculino. É possível notar também, que em um determinado período (2007 a 2009), a conclusão desse alunado masculino se sobressai em relação às mulheres, tendo 30 homens formados no ano de 2008 para 14 mulheres formadas, sendo esse o ano que apresentou maior taxa de conclusão nesse período. Essa contradição nos informa que, em determinadas áreas, ainda temos a presença maior de estudantes de acordo com a visão que a sociedade atribui ao curso, no sentido de ser um curso de caráter feminino ou masculino.

Os papéis socialmente atribuídos aos homens e às mulheres permeiam o ambiente universitário e influenciam a formação de profissionais e o diálogo entre as áreas de conhecimento. Nota-se, em meio aos acadêmicos, comportamentos de caráter sexista e isso motivou a realização de um estudo com fins de verificar se os discentes do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias percebem tais comportamentos.

A majoritária presença feminina nos cursos de graduação à nível nacional é de grande importância e pode revelar a permanência de distinções no ambiente acadêmico que evocam a tradicional divisão sexual do trabalho. Assim, não é difícil compreender porque, num mundo em que a participação da mulher é cada vez mais ampla e num espaço onde elas estão representadas em maiores proporções que os homens, elas mantenham-se distanciadas das atividades tradicionalmente desempenhadas por homens e busquem, ainda hoje, carreiras identificadas com as atividades do mundo privado, aquelas reconhecidas como “tipicamente femininas”.

Segundo Motta (2018), durante muito tempo, a imagem atribuída às instituições acadêmicas legitimava a ideia de que a Ciência era atividade exclusiva dos homens, marginalizando as mulheres na produção dos conhecimentos e na capacidade de demonstrar seus saberes. Também se sabe que a divisão de trabalho por sexo na agricultura mostra uma subordinação da mulher ao homem, onde seu trabalho é visto como ajuda, mesmo quando trabalha de forma equivalente a ele (BRUMER, 2004).

Fiúza et al. (2016) nos mostra um exemplo claro dos reflexos que essa divisão de trabalho tem na sociedade: existe uma grande possibilidade de acesso à conhecimentos científico-tecnológicos no ambiente acadêmico e em eventos de um modo geral, mas essa possibilidade não está construída culturalmente. Quando são observados os dados relativos à

frequência de homens e mulheres em cursos oferecidos em um grande evento na área de Ciências Agrárias (Semana do Fazendeiro), Fiúza e seus colaboradores evidenciaram uma clara divisão sexual: cursos referentes às atividades voltadas para o mercado de produtos de renda “miúda” (exemplificados como artesanato, biscoitos, pães, queijos, doces, geleias) são frequentados, predominantemente, por mulheres; enquanto cursos relativos a atividades voltadas para o mercado de produtos de renda “graúda” (exemplificados como criação animal e produção vegetal) são frequentados, predominantemente, por homens.

O ingresso e a permanência no curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, o qual une ciência e agricultura, duas áreas com estereótipo masculino trazem grandes desafios para estudantes, pois há uma forte tendência de reprodução de hábitos culturais com viés sexista (FIÚZA ET AL, 2016; MOTTA, 2018). Verificar o comportamento dos estudantes perante suas oportunidades de escolha, analisar sua ocupação em programas institucionais, identificar quaisquer formas de sexismo que interfiram na formação acadêmica e profissional desses discentes é bastante necessário e esse foi o objetivo desse trabalho.

METODOLOGIA

Para divulgação do projeto junto à comunidade acadêmica do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, foi realizada uma aula inaugural na data de 07/08/2019, quando a equipe executora debateu temas relacionados à temática, a saber: contexto histórico da busca pela igualdade de gênero; visão de alunas do curso sobre ser mulher na universidade; experiências em sala de aula e pesquisa.

Foram aplicados questionários junto aos estudantes no período de agosto e setembro de 2019, quando estava ativo um total de 98 discentes no curso (os estudantes recém-chegados ao curso não foram inseridos na pesquisa, dada sua pouca vivência acadêmica). Desse total, 53,06% dos estudantes participaram da pesquisa, incluindo homens e mulheres. Os questionários foram elaborados com perguntas elencadas com as letras do alfabeto de A à M, usando de três parâmetros para coleta de respostas (concordo, discordo e indiferente).

No dia 20/11/2019 foi realizado um fórum para apresentação dos resultados do projeto à comunidade acadêmica, nessa oportunidade foi discutido formas de mitigar problemas elencados pela pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram aplicados 52 questionários, 33 respondidos por estudantes do sexo masculino e 19 por estudantes do sexo feminino. No tocante à orientação sexual, 94% do público masculino se define heterossexual, 3% se define homossexual e 3% se define bissexual. Para o público feminino a porcentagem é de 95% e 5% de heterossexuais e bissexuais, respectivamente. Respondendo a pergunta “Os (as) estudantes homossexuais sofrem preconceito dentro do curso de Ciências Agrárias?”, 55% dos participantes do gênero masculino concordaram que esse público sofre preconceito por cursarem um curso da área agrária e 68% dos participantes do gênero feminino também concordaram (Gráficos 1 e 2, letra K), concretizando o pensamento enraizado na sociedade de que cursos da área agrária são exclusivamente para homens ou sujeitos que atendam aos padrões heteronormativos.

A homofobia ainda é um dos preconceitos mais tolerados na sociedade, sendo comum que os homossexuais vivam situações constrangedoras e que sejam marginalizados em ambientes de exercício profissional (BRASIL, 2004). Isso faz com que a presença de homossexuais e bissexuais no curso de Ciências Agrárias seja sinônimo de resistência, uma vez que estão inseridos num contexto heteronormativo pautado em meio à caracterização do próprio curso. A classe LGBT vem firmando-se na luta por seus direitos a fim de uma vivência social mais humana e livre. “Atualmente, há cerca de 140 grupos espalhados por todo o território nacional” (BRASIL, 2004 p. 15), na UFPB, o Diretório Central dos Estudantes e o Levante Popular da Juventude atuam nessas causas.

Com relação aos discentes que assumem a paternidade, 9% responderam que tem 1 filho, fato esse que não implica diretamente na formação acadêmica do aluno, uma vez que esses não interromperam o curso em nenhum momento. Quanto a maternidade, 11% das estudantes que engravidaram no decorrer do curso se afastaram temporariamente devido a gestação e para cuidados com o filho.

Quanto às atividades de pesquisa e extensão, 79% das mulheres participam de atividades de pesquisa e extensão, onde só 70% dos homens participam. Isso mostra que o engajamento das mulheres frente ao curso, e notou-se, também, que as mulheres têm um leque de participação em praticamente todas as áreas do conhecimento, seja ela animal, vegetal ou ensino. Embora existam enfrentamentos de preconceito em determinadas áreas, as que são socialmente evocadas como masculinas ou femininas.

Os (as) estudantes discordaram da preferência dos professores em trabalhar com alunos do mesmo gênero que eles; 73% dos homens discordam e 84% das mulheres também

discordam, dados esses obtidos na pergunta “Professores (as) têm preferência por trabalhar com alunos do mesmo gênero que ele?” (Ver Gráficos 1 e 2, letra A). Os professores lidam com turmas heterogêneas em que devem atentar para igualdade e tentar sempre trabalhar de forma uniforme com os dois gêneros.

Quanto ao tratamento dos (as) professores (as) com alunos e alunas, 40% dos homens responderam que discordam e 60% disseram que o tratamento seja diferente, no entanto, 42% das mulheres concordam que esse tratamento é dado de forma diferenciada, acredita-se que essas alunas são tratadas melhor por professoras do que pelos professores, essas informações foram obtidas com a pergunta “Professores (as) tratam diferentemente alunos e alunas?” (Ver Gráficos 1 e 2, letra B).

Com relação ao assédio dos professores para as alunas do curso, os resultados mostram que 53% das mulheres compactuam com a presença do assédio e 58% dos homens corroboram essa afirmação. Esses indicativos foram através da pergunta “Professores assediam alunas?” (Gráficos 1 e 2, letra C). Atualmente, o Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias do campus III da UFPB não conta com nenhum tipo de atendimento ou ouvidoria para esses casos em específico. Quanto à situação reversa em relação ao assédio de alunos a professoras, em média 36,5% dos estudantes do sexo masculino ficaram indiferentes ou discordaram desta situação e poucos concordaram que existe assédio nesse aspecto, apenas 27%. Já 42% das mulheres entrevistadas concordam que existe assédio de alunos às professoras, para esses dados usou-se a pergunta “Alunos assediam professoras?” (Gráficos 1 e 2, letra D). A divergência nas respostas pode ser pautada no contexto do machismo, uma vez que os homens se sentem repelidos a darem essa resposta de que assediam professoras. Outrora, é possível entender que as mulheres atentam para as “brincadeirinhas” que os estudantes fazem com as professoras do curso e identificam o assédio velado.

No contexto da área Agrária, ou especificamente no curso de Ciências Agrárias da UFPB, é possível visualizar que a área vegetal, compreendida por disciplinas como fruticultura, anatomia e fisiologia de plantas, tecnologia de sementes entre outras, tende a ser frequentada por mulheres, enquanto a área animal, compreendida por produção de suínos, bovinos, ovinos, caprinos entre outros, tende a ser frequentada por homens. Quando perguntados sobre essas tendências “As estudantes do curso de ciências agrárias preferem a produção vegetal?”, 52% dos homens ficaram indiferentes para responder se as mulheres preferem a área vegetal, enquanto 53% das mulheres discordaram dessa afirmação (Ver Gráficos 1 e 2, letra D). Quanto à pergunta “As estudantes do curso de ciências agrárias não trabalham com produção animal por causa da presença acentuada de homens?” 79% dos

homens e 58% das mulheres discordaram do fato de mulheres não adentrarem na área animal por causa da presença acentuada de homens nessa área (Gráficos 1 e 2, letra F). Isso mostra que o motivo das mulheres, quando não participam de atividades voltadas para a área animal, não é pelo fato de ter uma presença acentuada de homens, porém, 40% dos homens e 79% das mulheres afirmam que as mulheres sofrem preconceito quando atuam em áreas que são denominadas “masculinas” isso foi visto na pergunta “As estudantes de ciências agrárias sofrem preconceito quando atuam em áreas consideradas masculinas?” (Gráficos 1 e 2, letra G). Quanto à preferência dos homens a aderirem à produção animal, 46% dos estudantes do sexo masculino foram indiferentes quanto a essa afirmação, 18% concordaram e 36% discordaram. Já 53% das mulheres concordaram que os alunos optam pela produção animal, essas informações foram obtidas através da pergunta “Os estudantes de Ciências Agrárias preferem a produção animal?” (Gráficos 1 e 2, letra H). Desse modo, existe a reprodução sexista já existente na sociedade por parte dessas alunas de que homens exercem atividades consideradas “pesadas” e voltadas para a pecuária. Os resultados também mostraram que 79% dos homens e 79% das mulheres, discordaram da situação dos estudantes do sexo masculino não se inserirem na área vegetal pela presença acentuada de mulheres, isso de acordo com a pergunta “Os estudantes do curso de Ciências Agrárias não trabalham com a produção vegetal por causa da presença acentuada de mulheres?” (Ver Gráficos 1 e 2, letra I). Ambas as áreas, vegetal ou animal, não caracterizam os gêneros nesse curso, assim homens e mulheres trabalham e realizam atividades em qualquer que seja a área. Em relação ao preconceito sofrido pelos homens quando atuam em áreas denominadas “femininas”, 79% dos homens responderam que não sofrem preconceito e nenhum deles concordou com essa afirmação. Das mulheres entrevistadas, nenhuma delas concordou de que homens sofrem preconceito quando atuam em áreas denominadas “femininas” enquanto 79% discordaram e 21% foram indiferentes, essas informações foram tidas com a pergunta “Os estudantes do curso de Ciências Agrárias sofrem preconceito quando atuam em áreas consideradas femininas?” (Ver Gráficos 1 e 2, letra J). Com isso, os resultados mostram também que a área animal não se trata de uma área preponderante para os homens, tendo em vista que homens foram indiferentes e as mulheres concordaram que os estudantes do Curso de Ciências Agrárias não preferem a produção animal. Segundo os dados, 46% e 53% respectivamente (Gráficos 1 e 2, letra H).

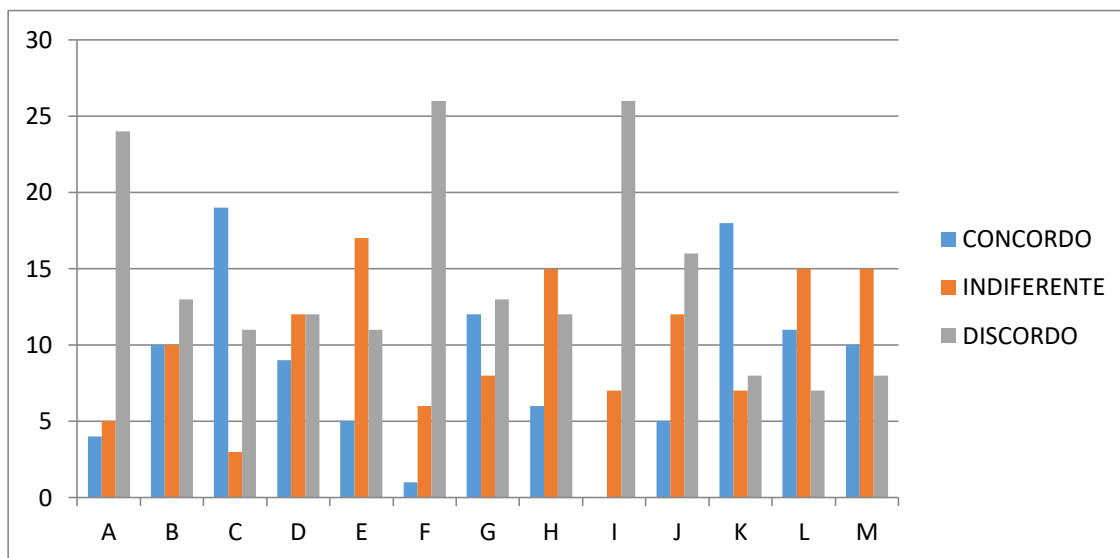
Visando as diversas áreas de atuação do curso, esses estudantes permeiam esses campos de forma aleatória o que não configura a escolha de determinada área por intermédio do gênero. Outra percepção foi de que a área vegetal não é uma área abundantemente

frequentada por mulheres, as respostas mostram que os homens participam de atividades voltadas para área vegetal. Os homens e mulheres permeiam as mais diversas áreas do curso independentes de serem consideradas “masculinas” ou “femininas”.

Outro ponto retratado na pesquisa referiu-se as mulheres serem ou não encorajadas a permanecerem nas áreas em que sofrem preconceito mediante a pergunta “As estudantes que atuam em áreas masculinas são encorajadas a permanecer nessa área?”, e foi visto que as mulheres não têm nenhum tipo de incentivo a permanecerem nelas. Respostas dadas para esse fato mostram que 33% dos homens concordam que as mulheres são encorajadas a permanecer e 53% das mulheres discordam (Ver Gráficos 1 e 2, letra L). É relevante salientar que 31% de homens e mulheres se portaram como indiferentes a essa questão, talvez pelo fato de não estar em áreas não configuradas para seu gênero. Para os estudantes, da mesma forma, esses que atuam em áreas denominadas “femininas”, não se sentem prejudicados uma vez que 24% deles discordaram dessa afirmação e 30% concordaram, porém, 46% se expressaram de forma indiferente, para isso eles responderam a pergunta “Os estudantes que atuam em áreas femininas são encorajados a permanecer na área?” (Gráficos 1 e 2, letra M).

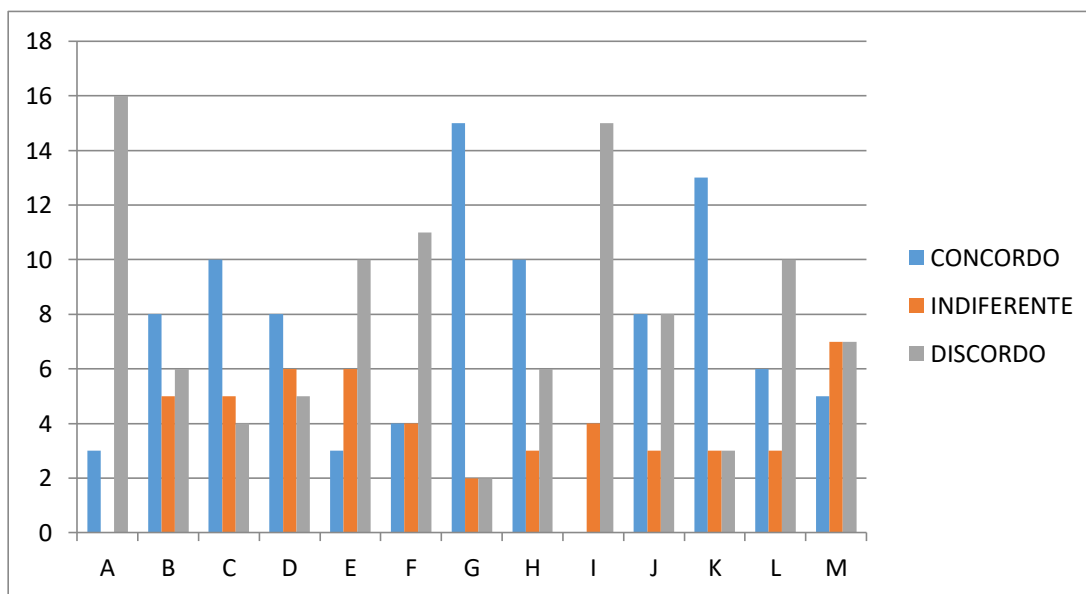
Com este trabalho foi possível notar nuances dos mais variados hábitos sexistas existentes no Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias da UFPB, assédio de professores as alunas, mulheres atuando em áreas denominadas “masculinas” mesmo sofrendo preconceito, estudantes homossexuais sofrem preconceito por cursarem um curso da área agrária, professores que tratam diferencialmente os alunos e alunas por seu gênero. Como ponto principal dessas nuances, o assédio tende a ter um olhar diferente tendo em vista que a partir do assédio em sala de aula é possível o agravante dessa ação. De acordo com dados da cartilha “Abuso no campus” do The Intercept Brasil (SAYURI, 2019), mais de 550 mulheres foram vítimas de violência sexual em universidades desde 2008. A análise partiu de 209 ocorrências levadas às instituições – em algumas delas, um agressor foi apontado por mais de uma vítima. Esses dados, quando alinhados aos apresentados aqui, ligam o alerta de que essa problemática precisa ser tratada pela Instituição.

Gráfico 1. Respostas dos questionários dos participantes do gênero masculino.



Fonte: Autores (2021).

Gráfico 2. Respostas dos questionários das participantes do gênero feminino.



Fonte: Autores (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, essa investigação possibilitou uma maior compreensão da realidade atual no que diz respeito à percepção dos conceitos de gênero dentro do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias. Esse trabalho propiciou, pela primeira vez, a discussão dessa temática dentro desse curso e, através da aula inaugural e do fórum para apresentação

de resultados, pode expandir a temática para todo o Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias da UFPB.

A percepção dessas nuances, junto ao conhecimento adquirido no decorrer das atividades dessa pesquisa, pode ser usada como fator benéfico para levantar discussões e aprimoramento da temática dentro do próprio campus. A Coordenação do Curso participou de toda a execução desse trabalho e se dispôs a continuar o debate e alavancar meios para mitigar problemas relatados pelos estudantes na tentativa de minimizar eventuais adversidades proporcionadas pelos resultados do trabalho.

REFERÊNCIAS

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p.205-227, 2004.

FIÚZA, Ana Louise de Carvalho *et al.* **Difusão de tecnologia e sexismo nas Ciências Agrárias**. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782009005000224>. Acesso em: 18 jan. 2021.

FIÚZA, A.L.C., PINTO, N.M.A., COSTA, E.R. Desigualdades de gênero na universidade pública: a prática dos docentes das ciências agrárias em estudo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.42, n.3, p.803-818, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

ULIANA SAYURI (ed.). **THE INTERCEPT BRASIL**. 2019. ABUSO NO CAMPUS. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/12/10/mais-de-550-mulheres-foram-vitimas-de-violencia-sexual-dentro-de-universidades/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (org.). **INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA: censo da educação. CENSO DA EDUCAÇÃO**. 2021. CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR. Disponível em:



<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 25 jun. 2021.